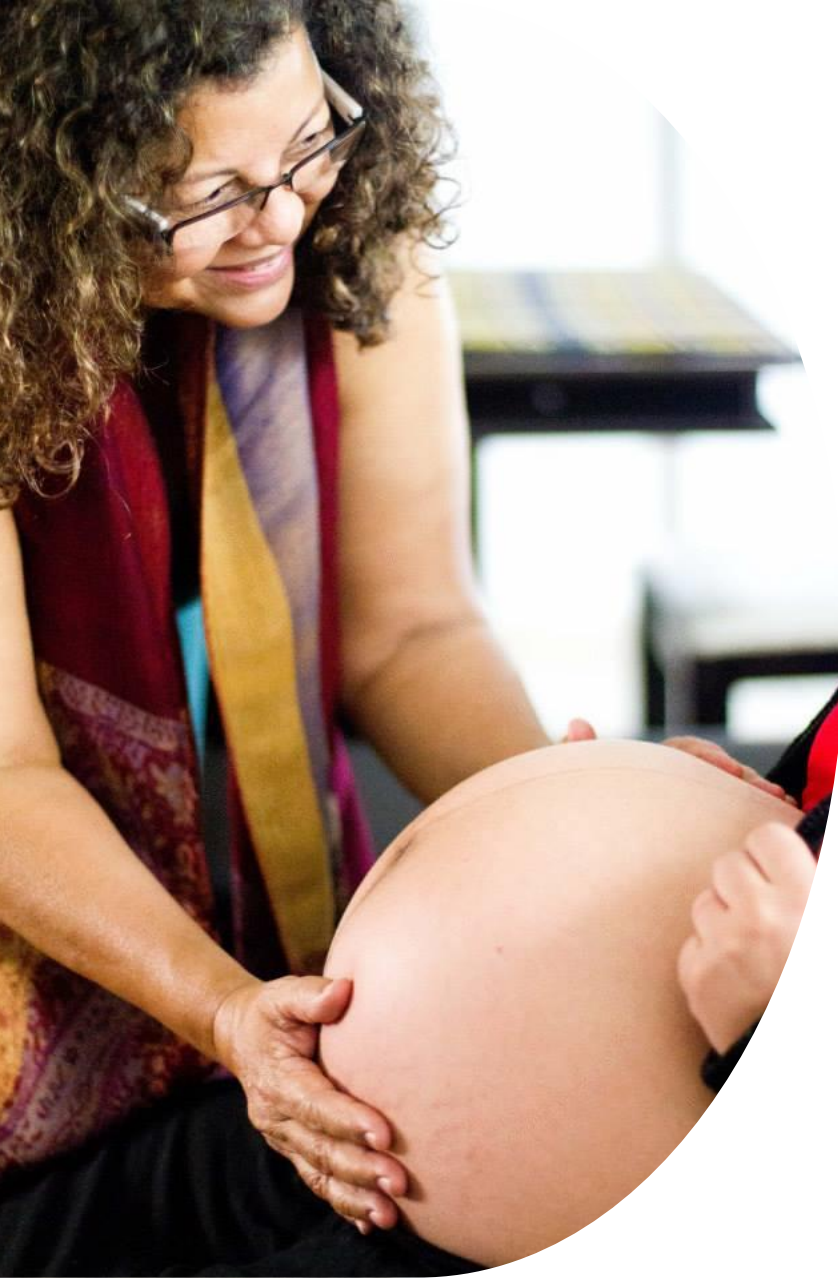




O RECONHECIMENTO ESTÁ NA VISIBILIDADE DE NOSSAS AÇÕES

Por Marilanda Lopes de Lima,
Professora Assistente II da
Faculdade de Enfermagem da
UERJ. Mestre em Enfermagem
Obstétrica e Obstetrícia Social
pela UNIFESP e Membro do
Conselho Diretor da ABENFO.

O movimento crescente de pessoas interessadas no assunto sobre parto/nascimento no Brasil e no mundo vem aproximando e integrando ciência, arte, cultura e humanidades ao cuidado da mulher, com destaque especial, para o período de gravidez, parto, nascimento e pós-parto.

Nunca em tão pouco tempo se falou, estudou, pesquisou o assunto no Brasil e no mundo, gerando altas reflexões acerca da existência humana.

Apesar da magnitude do assunto, o parto espontâneo com sua riqueza de sentimentos, emoções e sensações tem sido banalizado no mundo ocidental por conta da naturalização do machismo presente nos costumes, nas palavras, no amor, na família e na apropriação do corpo feminino durante o período reprodutivo.

“Pesquisas psicológicas das últimas décadas do século XX deram grande relevância à vida emocional, ao estudá-la de uma maneira cada vez mais precisa do ponto de vista químico, neurológico e mesmo imunológico. Os cientistas dispõem pela primeira vez de ferramentas que lhes permitem estudar a bioquímica das emoções e seu impacto no corpo e na mente” (p 136 Castañeda, MARINA). A partir dos anos 1980 publicou-se uma infinidade de livros e artigos sobre o efeito das emoções na saúde física e psicológica.



A obstetrícia tradicional, cristalizada nos princípios da suposta segurança, além de gerar iatrogenia e intervenções desnecessárias, também banaliza a experiência do parto e nascimento, “trivializa os corpos de mulheres e recém-nascidos, e considera frívolos os desejos e necessidades psicológicas das grávidas” (p14. Adriana Tenese).

Se considerarmos o machismo como código cultural de modelo do verdadeiro homem e as normas de condutas associadas a ele, essa obstetrícia machista não tem mais espaço no mundo moderno do século vinte um. As mulheres pedem passagem para o exercício do feminino. As práticas obstétricas invasivas e desnecessárias, a coisificação de corpos e de mulheres precisa morrer, porque outra identidade feminina e humana já está surgindo. “Estamos diante de uma mudança paradigmática na concepção de nós mesmos e isso inclui mudar a forma como recebemos novas vidas e tratamos as portadoras dessa nova vida, e de como elas tratam a si mesmas”. (p14. Adriana Tenese).

“O Brasil hoje vem trabalhando com a visão de um novo paradigma, que é a da atenção humanizada à criança, à mãe e a família, respeitando-as em suas características e individualidades com especial enfoque ao conhecimento do psiquismo fetal, da mãe e da família” (Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde da Criança, 2002).



As propostas de humanização e integralidade na atenção ao parto e nascimento têm se configurado em poderosas estratégias para enfrentar criativamente o modelo obstétrico tradicional e hegemônico.



Essa nova proposta está centrada numa relação igualitária e de decisão compartilhada e o cuidado tem como foco as necessidades da mulher. Como diz Wagner (2001) “a humanização do parto tem a potencialidade de combinar as vantagens da medicalização ocidental com as vantagens de redirecionar os cuidados para honrar a natureza biológica, social, cultural e espiritual do nascimento humano.” Tendo como princípio fundamental a dignidade da pessoa humana.

A Enfermeira considerada a profissional do cuidado, está presente em todas as discussões políticas e programas que envolvem a promoção, recuperação e a reabilitação da Saúde.

Destacamos o envolvimento da Enfermeira Obstétrica no movimento feminista em defesa dos direitos sexuais e reprodutivos e a ocupação do seu lugar na equipe de saúde, trazendo para o cenário da assistência obstétrica, o cuidado desmedicalizado e humanizado, com destaque ao protagonismo da enfermeira obstétrica em interação com a mulher sob seus cuidados, colocando em prática as recomendações da OPAS/OMS, os protocolos

estabelecidos pelo Sistema Único de Saúde, e, as práticas não convencionais de assistência à saúde da mulher, especialmente durante o processo de gestação, parto, nascimento e pós parto. Em Minas Gerais, o Hospital Sofia Feldman é pioneiro no processo de humanização da assistência desde a sua inauguração em 1978 atendendo a comunidade em ambulatorios e a maternidade em 1982, operando efetivamente com a presença de enfermeiras obstétricas para atendimento ao pré-natal, parto, nascimento e pós-parto de risco habitual, inclusive implantando o alojamento conjunto. E na clínica pediátrica, também inovou com processo de humanização, com acompanhamento da mãe ao filho internado, ainda num período que antecedeu a implantação do SUS.

O Rio de Janeiro engajado no movimento feminista e político pela humanização e, efetivamente, contra a violência obstétrica, estabelece estratégias de inclusão da enfermeira obstétrica nas maternidades, especialmente nos setores de pré-parto e sala de parto com a precípua finalidade de humanizar e desmedicalizar a assistência obstétrica em mulheres de risco habitual. Trava-se então um conflito com a categoria médica, que não aceita a proposta de mudança do modelo masculino e intervencionista pelo feminino humanizado, e, não reconhece as enfermeiras como membros da equipe de saúde e muito menos como protagonista do cuidado.





As Universidades, engajadas com a formação de especialistas e Residência em Enfermagem Obstétrica, especialmente com a Faculdade de Enfermagem da UERJ, dá o tom de vanguarda ao Rio de Janeiro nessa luta contra a violência Obstétrica.

Com a criação da Associação Brasileira de Obstetristas e Enfermeiros Obstetras - ABENFO NACIONAL em 1992 a Enfermagem Obstétrica brasileira tem o seu reconhecimento social e político no cenário da Saúde Materno-Infantil. Pois a partir dessa década, congrega anualmente, através de seus eventos, congressos e seminários a nível nacional e internacional, grandes estudiosas do cuidado, e o registro da maior produção científica das especialidades da enfermagem que envolvem a mulher, o neonato e a família.

O nosso reconhecimento está nas nossas ações!

- ✓ Celebramos por mais de 35 anos o movimento contra a violência na saúde;
- ✓ Celebramos os quinze anos de existência da primeira Casa de Parto Comunitária David Capistrano Filho no bairro de Realengo, dirigida exclusivamente por enfermeiras obstétricas;
- ✓ Celebramos a reconhecida qualidade de assistência e o seu efetivo e impactante resultado na vida das mulheres que viveram o nascimento de seus filhos com o olhar acolhedor, humanitário, desmedicalizado e científico das enfermeiras obstétricas.

- ✓ Celebramos, como afirma Adriana Tenese, o início da queda daquele muro que oficialmente separam, há quase 350 anos, corpo e alma, matéria e espírito, sentimento e razão.

**À todas as mulheres que transformam
diariamente a vida de outras
mulheres, um revigorante Dia
Internacional da Mulher!**

Rio de Janeiro, 08 de março de 2019

